

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלַּיִד

*...alumia-vos,
aponta-vos o cá
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAIPD)

Orgão da Comunidade Israelita do Porto

RECTOR E EDITOR — A. C. DE BARRÓS BASTO (BEN-ROSH)
REDACÇÃO—Rua Guerra Junqueiro, 340—Porto
—(Toda a correspondência deve ser dirigida ao director)

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

A Imprensa Portuguesa e a Campanha
anti-judaica na Alemanha.

NOVO SUAVE MILAGRE

Na Nova Germania

Realizava-se uma solene festividade num templo numa cidade da Nova Germânia.

Tudo que havia de mais distinto nas artes, ciências, industria, comércio, banca, magistratura e funcionalismo assistia áquele acto de culto oficial.

De repente, um grupo de jovens hitlerianos irrompe na igreja, clamando: — Fóra os judeus, fóra os judeus!

Ouvindo estes gritos, metade da assistência retira-se.

Os energúmenos notam que ainda dentro do edificio ficam alemães de origem israelita, e de novo bramam:

—Fóra os judeus, fóra os judeus!

Cêrca de metade dos que por função do cargo, assistiam áquele acto solene, retira também.

Os racistas examinam cuidadosamente quem ficou dentro do templo, e verificam que um oficial, combatente da Grande Guerra, condecorado no campo da batalha com a Cruz de Ferro, de origem hebraica, continuava tranquilamente encostado a uma coluna da igreja.

Então o grupo de alemães, de puro sangue germânico, sem qualquer glóbulo semita ou mongol, faz de novo, e com mais força, ecoar pelas abóbadas góticas o seu grido feroz:

—Fóra os judeus! Ainda aqui há judeus! Fóra! Fóra! Não queremos cá nenhum judeu!

Eis que um facto maravilhoso ocorre. *Mirabile visu.*

Jesus desce lentamente do altar, aproxima-se do judeu que arriscara a sua vida na defesa da Germânia, sob o fogo mortifero dos aliados, e tocando-lhe no ombro, diz com voz suavissima:

—Tem paciência, irmão, temos que ir embora!

E assim foi satisfeita a vontade dos nazis que, coerentes com os seus principios, vão substituir o judeu Jesus de Nazaré, suspeito de pacifista e comunista, pelo deus nacionalista Thor, deus da guerra da antiga e bárbara Germânia.

Ben-Rosh.

Portugal e Israel

Como estão remotas as ideias visionárias do século passado que do progresso e do amor da humanidade faziam um lema do Estado e um dogma da consciência publica! Rodou já um terço deste século que os profetas do optimismo tanto auspiciaram, e que é que se vê a imperar no mundo, a dirigir a alma dos homens e das nações? A cobiça do interesse, a vaidade desmedida, a fereza agressiva do primitivo e da sua tribo. O freio da religião, da moral e da civilização não sustem o impelo dos caninos arreganhados do homem lobo do homem.

De que vale prantear esta molestia pandemica, espécie de cancro visceral que corrol os fígados e os corações? Haverá raios que, como os da física, pretendam sarar esta chaga cancerosa? Ha, e velhos que são eles, porque têm dois mil anos de emissão—os raios da graça divina da caridade e do amor do próximo, que infelizmente não valeram a este escalavro e pareciam ter desertado do mundo.

Dois fenomenos colectivos recentes testemunham contrariamente estes embates do homem social e anti-social—um, mostra até onde pode chegar o frenesi cego e bestial contra o semelhante—outro, revela até onde pode ir ainda a solidariedade redentora. Se a perseguição que na Alemanha se move sem quartel ás gentes de sangue israelita revolta quem quer que tenha coração e cabeça, o grito de reprovação que estrondeia por toda a parte contra tamanha barbárie e crueldade, esse «sursum corda» emanado de povos, classes e individuos sem distinção de bandeira nacional ou religiosa, cõa consolações no animo dos mais descoroçados do futuro espirital da Europa. Não; ha ainda homens que se prezam de ser e de defender homens.

Nem que reprobó fóra o israelita, haveria o direito de acossá-lo como a besta-fera. E reprobó porquê? Raça proporcionalmente a mais inteligente de todas—ninguem ousa contestar-lhe esta superlativa intelectualidade—depois de alumiar o europeu barbaro da Idade Média com as luzes da sua illustração, tem por esses secúios fora promovido o desenvolvimento da civilização em toda a sua inteireza—física, ciências e artes, por um lado, commercio, industria, actividade economica, por outro. Em tudo quanto representa o esforço humano, á busca da verdade e do bem, lá estão nomes hebraicos a intentá-lo e a realizá-lo na primeira plana das celebridades de qualquer ordem. Será a inveja o baixo mobil das perseguições, de que só a selvajaria de outrora apenas atenuava a culpa?

Orgulha-se a Alemanha de ser país de alta cultura e até de na escala cultural ocupar a cabeceira. De honra e gloria lhe tem servido o lutar por esse primado da intelligencia productiva. Filósofos, cientistas e artistas, há dois séculos lhe asseguram preeminencia. Na tecnica e na economia, rapido alcançou uma evolução prodigiosa. Criou industrias pujantissimas, expandiu a sua produção, graças a uma organização commercial inexcedível. Quem poderosamente concorreu para a formação e realização desta riqueza espirital e pecuniária foi justamente o judeu—sempre o judeu em tudo e por tudo.

Sem que se saiba bem pelo quê—a não ser que

queira dar-se ás multidões dementadas pelas paixões um bode expiatorio—o anti-semitismo declara-lhe guerra de extermínio. Esboçaram-se «pogroms» como em tempo na barbara Russia czarista, que parecem sustados porque outro meio de destruição mais pronto e geral se pôde em acção: a boi-cotagem official por violência ou por sugestão, e, é, a fome infligida aos que são privados de exercer o seu officio. Estão ameaçados de encerro estabelecimentos desde o Banco até a tenda. Defesas, as profissões liberais—magistratura, advocacia, medicina, professorado, Direitos, acabaram-se, até o de angariar legitimamente meios de subsistência. Os medicos israelitas, expulsos das suas cadeiras, dos seus hospitais, dos seus laboratorios!... —eles que deram á medicina alemã um renome universal. Devem-se-lhes muitos dos maiores descobrimentos que vieram resgatar vidas, anulando e prevenindo os estragos das doenças. Amigos privilegiados da humanidade sofredora, nem esses estão poupados á santa persecutoria e eliminadora. Na Idade Média, o fisico hebreu que então e em todas as épocas subsequentes quasi simboliza a arte medica, como que gozava de imunidade; nem essa se lhe presta agora.

Dois nomes altissimos representam, cada um á sua maneira, a celebridade germanica; o israelita Einstein, o super-Newton do nosso tempo, verdadeira maravilha de cebralidade, e Tomaz Mann, a mais vigorosa pena de pensamento e de arte na literatura. Anatematizados, não voltarão á sua pátria, abandonada á barbaridade reinante, pregada e perpetrada como suprema virtude nacional. Cada noite, ao bater das 10 horas, a T. S. F. irradia aos quatro rumos cardiais os 14 mandamentos da religião do ódio contra o semita, terminados por este ritornelo a soar como dobre funereo—*Die Juden sind unser Unglück*. Mesmo para os menos versados como eu no alemão, salta aos olhos a tradução—«Os judeus são a nossa desgraça». Desgraça sim, virá a cair sobre um país que tal profere—prodromo dum suicídio colectivo.

Ninguém poderá dizê-lo melhor que Portugal. Em dia negro para sempre nefasto, os arrojou do seu seio—foi a segunda «diáspora» da raça hebreia, a que mais atormentou as chamadas gentes de nação que deste territorio abençoado tinham feito segundo paraíso. Dispersos pelo Setentrião e pelo Mediterraneo, depois de sujeitos ás plores torturas, para todos os lugares onde se acolitaram levavam as saudades da patria. Nos livros editados no exilio respira-se a cada passo o seu folego patriótico, o entusiasmo pelas glórias lusitanas. Sempre que se propiciava ocasião de favorecerem os feitos, os negocios e as conquistas dos portugueses, fizeram-no com largueza, generosidade e sacrificios. Mas os seus talentos e aptidões foram enriquecer e honrar outras terras—a Hollanda mais que nenhuma outra, a França, a Inglaterra, a Italia e até a Turquia. Em Nova York, onde hoje estadeiam dois milhões de habitantes, a primeira colmeia foi a dos judeus saídos do Brasil. O padre Antonio Vieira prégava em vão, em pleno século 17, o regresso dos hebreus; em nome da nossa propria prosperidade e aumento.

A grande gloria dos Lusíadas, a rôta e os descobrimentos por mares nunca dantes navegados, deve-se principalmente á c'ência e á dedicação dos cosmógrafos, astrónomos e mathematicos judaicos de que a realza intelligentemente soubera rodear-se. Perda inapreciavel a da sua expulsão, apenas atenuada pela pre-

sença dos cripto-judeus, os cristãos novos que nos restaram. Ainda hoje lá fora o judeu português ergue com orgulho a fidalguia da sua procedência; até na própria região levantina, na Síria, na Palestina, na Macedónia, onde lhes ouvi a fala materna.

Muitos dos judeus alemães são descendentes de portugueses de que conservam apellidos e o rito sephardi da sinagoga. Têm nas veias sangue nosso, e o nosso coração não pode ficar indiferente a tamanha desventura. Já se não matam e torram como outrora no queimadeiro, mas paralisam-lhes as cabeças e os braços para que rebentem de penúria e desespero. A mais elementar fraternidade se recalca, aquela de homens criados no mesmo torrão, enfeitados pela terra que os viu nascer e para o bem da qual trabalharam.

Há muito sangue israelita nesta terra, sobretudo em certas províncias. Em Lisboa foi-lhe ajuntando um núcleo formado por famílias consideradas, onde se estremam indivíduos a ocupar situações honrosas no commercio, na industria, no professorado e nas profissões liberais. Ultimamente esta comunidade tem-se acrescentado com hebreus da Europa Central que trouxeram o fermento do seu trabalho proveitoso ás industrias de minas e de artefactos. Pequeno como é o nosso País, se tem pouca capacidade de absorção, pode todavia recolher, dentro das suas forças, elementos uteis para a vida metropolitana e colonial, tanto há ainda numa ou noutra que empreender e que fazer: se o exodo dos alemães perseguidos derivasse um pouco para este lado, benefício auferiríamos do seu advento, graças ás suas aptidões para a actividade económica moderna.

Quem sabe o que sucederá? D. Manuel ainda os deixou partir, embora á custa de inclemências; agora a Alemanha diz-se que intenta retê-los como reféns. As ultimas noticias parecem reduzir a existência de judeus, na partilha das profissões, a contingentes, de percentagem—e os sobrantes?!

Que mais teremos que ver nesta quadra infesta em que o homem se cobre a si proprio de maldições e o direito natural e social entra em de caducar!

Ricardo Jorge.

*

P. S.— Quem sabe se apenas se verá nestas frases sinceramente comovidas de compaixão, a vez do sangue. Multissima gente em Portugal tem, sem o saber, nas veias glóbulos hebraicos. Se eu soubesse que de véras descendo de judeus, por honrado me daria com a ascendência. Tenho por esta raça sim, a maior simpatia desde muito significada—vem-me, não de casta ou de crêença, mas de espirito consagrado ás materias intellectuais—vem-me da minha profissão que entre nós e fora de nós se gloria de nomes maximos de filiação judaica—vem-me enlim da própria pátria que tanto lucrou com a sua acção e tanto perdeu com o seu afugentamento. Prezo-me de judiôfilo, precisamente porque o destino bem ou mal fez de mim um cerebral e um medico e porque sou de nascença e de caracter um português.

De Diario de Noticias
Lisboa —5—Abril—1933.

Anti-Semitismo

Os movimentos anti-semitas na última metade do século XIX, sendo um retorno ofensivo das antigas classes dirigentes, a aristocracia e o clero, levantando a bandeira das rivalidades religiosas, do ódio dos cristãos ao povo deícida, já no fundo, como tudo, tinham um fermento de luta económica. O príncipe de Lichtenstein era um grande proprietário feudal e foi o corifeu do anti-semitismo na Austria. O pastor protestando Stoeker, chefe da cruzada alemã contra os judeus, era subvencionado na campanha, pelo pequeno commercio das cidades alemãs, desejoso de esmagar o pequeno comerciante israelita. O jornalista clerical Julio Drumond, chefe do anti-semitismo francez e traidor á sua raça, representava a Companhia de Jesus, que era e é um potentado commercial e financeiro.

Mas nessa primeira fase, na fase bucolica das lutas económicas e políticas, o fundamento económico da cruzada, podia disfarçar-se com razões sentimentais e de mera intolerância religiosa e fanatismo medieval.

Mas sob este aspecto de tentativa de restauração dum passado morto a breve trecho a onda anti-semita morreu, no meio da indifferença e do ridiculo. Foi então que, para dar ao anti-semitismo uma aparência de fundamento, aqueles que dirigiam o combate, reconheceram que era preciso modernizá-lo e dar-lhe razões mais positivas.

Fizeram crêr, para isso, ao proprietário territorial, que iam salvá-lo do predomínio da grande industria; ao pequeno comerciante que o iam furtar á concorrência necessariamente victoriosa dos grandes armazens; á finança cristã que a iam desembaraçar da concorrência da finança israelita, melhor estabelecida e superiormente preparada por um treno secular.

Mas a solidariedade destas classes não chegava para o combate. Era preciso arrastar consigo as massas proletárias. Ora nas massas populares já se encontrava muito radicada a ideia de que a sua libertação económica não dependia de que os seus exploradores livessem esta ou aquela religião.

Então os anti-semitas prégarão uma demagogia expropriadora uni-lateral. O expropriado devia ser o judeu — tal como em 1789 os expropriados deviam ser a nobreza e o clero e a propriedade sagrada da burguesia, recém-chegada ao Poder. A esta ideia pseudo-socialista chamava o velho Bebel o «socialismo dos imbecis». Nós acrescentariamos — e o dos larapios.

Mas nunca, ontem como hoje, um verdadeiro explorador, mesmo que fôsse judeu, foi atingido.

Atravez da onda de anti-semitismo francez e alemão os príncipes da finança judaica, pouco ou nada sofreram.

Esta ignóbil reacção política e religiosa tem todavia estreitos pontos de contacto com a chamada burguesia liberal, diante da qual se põe, por vezes em inimiga.

Como esta, nega a existência da luta, condicionada ás categorias económicas. Atribuindo todos os seus males aos judeus, finge desconhecer que como classe exploradora é muito mais numerosa a cristã do

que a israelita. Que na América, como na Inglaterra, na Polónia como na Romania, há milhões de trabalhadores israelitas que passam tanta miséria e sofrem tanto como os incircuncisos, seus camaradas de classe.

O anti-semitismo, como o anti-clericalismo «à outrance», é um expediente do capitalismo para desviar os trabalhadores da sua luta contra a servidão económica, mãe de todas as servidões, inclusive a religiosa. A libertação intelectual não pode proceder e só pode seguir a libertação económica. A moção votada em 1905 pelo Congresso do Partido Operário Francês chegava a afirmar que «o único anti-clericalismo sério em regimen burguez era o anti-capitalismo». A demagogia burguesa como não pode dar pão e alegria de viver ao proletariado dá-lhe conforme as circunstâncias, — padres ou judeus. Ora nenhuma destas categorias é suficientemente alimentícia. O capitalismo não é nem judeu, nem católico, nem budista — é o capitalismo.

As religiões, assim como todas as concepções sobre-naturais sendo fundamentalmente fenómenos de consciência, só desaparecerão numa sociedade em que desaparecida toda a exploração capitalista, a Humanidade, senhora de todos os meios de Produção, tenha probabilidades de encontrar, em si mesma, a sua própria Providência.

Hitler agora pretende atirar às massas alemãs os judeus como alimento. Conhecemos países em que os democratas, amantes do Povo, etc., — outra coisa não fizeram senão distraí-las com os frades e as freiras, em vez de atenderem às suas mais vitais necessidades.

Devo acrescentar, para evitar explorações dos estúpidos e dos mariolas, que o anti-clericalismo dos socialistas está por si próprio esclarecido desde que a Igreja católica — se pousou, pelas ultimas decisões papais, em inimiga irreductível do socialismo.

Curioso momento este que o mundo atravessa onde, em sofrimento e dôr, se está gestando, a paz e a belesa, duma Humanidade melhor.

Da «República Social».

Porto, 8-abril-1933.

• • •

Alemanha hitleriana

O exodo israelita e a hospitalidade portuguesa

BERLIM, 11 de Abril.

Não nos compete discutir a actual campanha económica e moral anti-judaica na Alemanha. Cada qual manda em sua casa e não devemos nem queremos, portanto, ser intrusos. Apenas, em homenagem á verdade, julgámos do nosso dever informar, por telegrama, os leitores do «Diario de Noticias» de que os boatos propagados no estrangeiro, sobre orelhas cortadas, judeus lançados ao rio, espancamentos de personalidades importantes na cadeia, etc., não passavam de rebates falsos. Assistimos á boicotagem (passe o termo forioso) dos estabelecimentos judeus e pude-

mos verificar que tudo se passou na melhor ordem e disciplina. Sabemos que, naquele único dia de boicotagem, assim foi em toda a Alemanha, com uma única excepção em Kiel, onde um israelita, que faria um «nazi» a tiro, foi linchado por populares, antes que as autoridades o pudessem evitar.

Repelimos, portanto, que a responsabilidade official alemã está, até hoje, absolutamente a coberto de acusações quanto a violencias físicas contra israelitas, sendo pelo contrario de admirar que os incidentes tenham sido tão poucos e relativamente benignos.

Postos os pontos nos ii sobre este particular, diremos que a campanha económica e moral anti-judaica prossegue, sistematicamente, nos diversos ramos de actividade da nação. Nas profissões em que o Estado tem interferencia directa, os israelitas estão sendo reduzidos a um numero a tal ponto insignificante que ficaram praticamente banidos delas. Isto applica-se em especial ao funcionalismo, á magistratura, á advocacia, ao professorado, á medicina, ao notariado. Citaremos um unico exemplo: dos 1.700 advogados judeus de Berlim, apenas 35 podem continuar a exercer a sua profissão.

Resultado: o exodo.

Ora o exodo interessa-nos, pratica e directamente, porque grande numero dos emigrados se estão dirigindo, e muitos mais se dirigirão ainda, para o nosso País. Neste ponto meterei eu o bedelho, se me dão licença, porque se trata da minha terra e muito a proposito do sentido e excelente artigo do dr. Ricardo Jorge, publicado neste jornal em 5 do corrente.

Se nas veias do dr. Ricardo Jorge, como éle próprio admite, corre sangue israelita, eis mais uma prova das qualidades da raça, de que s. ex.^a fala e que tão maravilhosas provas têm dado de si, através da História. As palavras do dr. Ricardo Jorge maior valor assumem na bôca dum homem cujo portuguesismo ninguém põe em dúvida e que honra a sua e nossa terra.

Ora é evidente que as qualidades da raça se manifestaram também (e de que maneira!) na Alemanha, nestas ultimas centenas de anos. Ninguém pode negar de boa fé, nem mesmo o anti-semita mais ferrenho (desde que a cabeça lhe não sirva apenas para pôr o chapéu) a extraordinária acção dos judeus alemães. Guilherme II não era, por assim dizer, amigo de Israel, e no entanto aceitou o concurso de judeus em grandes obras da nação. Lembremos apenas Ballin, o maior nome da navegação comercial alemã; Rathenau e Schlesinger, organizadores da industria alemã.

Mas então por que correm com elles? As causas são várias e não vêm ao acaso, com excepção duma, que presentemente nos interessa: é ela a de que há judeus... e judeus da Galicia.

Encontravam-se familias israelitas estabelecidas na Alemanha há centenas de anos. Se bem que (ao contrario do sucedido em Inglaterra) não tenham nunca sido completamente absorvidas aqui pela nação, o certo é que gosavam de plena liberdade e de todas as regalias, sendo-lhes apenas vedada a profissão de officiais do exército. Puderam assim desenvolver uma actividade admirável e chegar á maior influencia e ás mais altas categorias sociais.

Veio a guerra. Transformou-se o mapa e, ainda mais, as leis da Europa. Uma região da antiga Rússia imperial, a Galicia, passou ao dominio da actual Polónia. Durante séculos e séculos tinham vegetado ali populações, decerto originárias da Palestina, mas que

condições de vida miseráveis e opressoras tornaram totalmente diversas e inferiores às suas correligionárias estabelecidas no Ocidente, com as quais se pode dizer que já nada têm de comum, pois delas se encontram separadas um bom milhar de anos. O «knut» secular atrofiou-as, física e moralmente, e nunca produziram, ao contrário das suas grandes irmãs do Ocidente, coisa que se visse para a Civilização. Essa gente, libertada, e talvez acossada, pela Polónia e pelas facilidades de comunicação internacionais, saiu em grandes massas da sua prisão de séculos e invadiu, é claro, um dos países que lhe ficavam mais próximos: a Alemanha.

A confusão destes judeus (aliás secularmente habituados à miséria e com a sensibilidade embotada por ela) com os outros foi a desgraça de todos. Os judeus da Galícia («Galizierjuden») deram uma enorme percentagem de trabalho à Justiça alemã, como «escrocs», aventureiros sem escrúpulos, vigaristas, falsários, agitadores e provocadores encapotados. Várias vezes ouvi a israelitas justamente considerados, cujas famílias há tanto residiam na Alemanha, frases como esta: «Em má hora vieram para cá os judeus da Galícia. Desacreditam-nos a nós todos e serão os culpados da nossa infelicidade». Os justos estão pagando pelos pecadores.

Ora, pois, disse o dr. Ricardo Jorge: «Abram-se as portas de Portugal aos judeus emigrados da Alemanha».

Cá de longe lhe enviamos o nosso caloroso «apoio». Mas faça-se, enquanto é tempo, a distinção entre judeus e judeus da Galícia. Não ha inconveniente em que a nossa tradicional hospitalidade receba gente trabalhadora, honesta e inteligente e, pelo contrário, praticaremos um acto de humanidade, que só nos pode ficar bem e certamente nos trará vantagens e que representará, até certo ponto, uma reabilitação. Muitos desses emigrantes usam nomes portugueses e não fazem mais do que regressar á terra que expulsou os seus antepassados, tão cruelmente, ha 400 anos.

Mas façamos uma escolha, que só pode ser util, evitando a gente da Galícia. Esta não entrava, já no tempo da grande imigração, na Argentina, por exemplo, que não me consta tenha sido alguma vez foco anti-semita. Não será muito difícil exercer a fiscalização, não admitindo a entrada de judeus polacos e dos que se naturalizaram alemães depois da guerra, e só permitindo a dos sem nacionalidade («staatealos»), depois de colhidas informações absolutamente seguras.

Ha muito que banimos, de entre os nossos inumeros problemas, o do ódio de raça. Mas não nos esqueçamos de que esse problema já existiu entre nós, e com as piores e mais cruéis consequências, bem mais cruéis do que as que até agora na Alemanha. Evitemos, *enquanto é tempo*, que esse problema renasça.

Ái fica o aviso aos nossos compatriotas em geral e, em especial, as autoridades competentes. Ao dá-lo, estamos conscientes de não só defender os interesses patrios, mas também os dos israelitas já residentes em Portugal e os daqueles que porventura venham a acolher-se sob a bandeira portuguesa, na Metropole e no Ultramar.

AGROS.

De «Diario de Noticias»
de Lisboa, 16-Abril-1933

Dos 4 cantos da Terra

Chile—O Israelita Dr. Benjamim Cohén foi nomeado embaixador de Chile nos Estados Unidos. O Dr. Cohén, sómente de 36 anos de idade, é uma personagem conhecida no mundo político de Chile, onde gosa de grande prestigioso, havendo occupado cargos de responsabilidade.

Conhece a maioria das linguas europeias.

Roma—Lemos na imprensa polaca o seguinte:

Na cidade de Roma exercia há 30 anos o cargo de pároco o padre Ragolsky, que se distinguia pelas, suas relações fraternais com os hebreus, particularmente com os rabinos. Ultimamente foi chamado a Vilna. Antes de abandonar a cidade, despediu-se do rabino local Rodo e Gruenfeld, médico da praça pública, abraçando-se e beijando-se com fraternal efusão.

A cena foi impressionante.

Suécia—O Dr. Ricardo Willstatter, eminente quimico Israelita alemão, titular do prémio Nobel, foi nomeado membro da Real Academia de Ciências de Suécia.

Este sábio professor, que conta agora 60 anos, realizou importantissimos trabalhos de investigação nos dominios da quimica orgânica, tornando-se o seu nome celebre em todo o mundo científico.

Desde 1915 exercia o cargo de catedrático da Universidade de Munich, ao qual renunciou agora devido á agitação antissemita.

Berlin—Faleceu nesta cidade o celebre orientalista e arqueólogo Dr. Mauricio Sobernheim, que se tornou célebre pelos seus valiosos trabalhos de investigações arqueológicas realizados na Palestina, e pelas luminosas obras que escreveu sobre a matéria. Desde 1918 exercia o cargo de asesor de assuntos orientais no ministério de Relações Exterior e apesar dos deveres do seu cargo e das suas actividades científicas interessava-se também o finado pela vida social e colectividade Israelita, havendo desempenhado desde 1924 o cargo de presidente da Confederação de Comunidades Israelitas da Alemanha e da Associação para difundir os conhecimentos sobre o Judaísmo. A sua morte foi muito sentida no mundo científico.

Hitler e Israel

Recebemos a seguinte carta:

Amigo senhor redactor:—Permita-me que comece por essa palavra que me acode e se impõe ao meu espírito dirigindo-me a quem com tanta generosidade abriu as colunas do «Diário de Noticias» em defesa de Israel. Essa palavra encerra também toda a minha gratidão e espero ainda ser abrangido por aquela mesma generosidade. Nomes elevados na sociedade portuguesa, homens de coração e de pena justiceira vieram em prô do meu povo, num momento triste para a sua história. Foi o amor da justiça e da humanidade que os moveu; nenhum outro interesse os podia estimular e por isso os seus depoimentos sobrelevam em importância muito acima do que um filho de Israel pode alegar. Contudo, é cheio de imparcialidade que escrevo estas linhas; toda a minha indignação e dôr pelos sofrimentos infligidos aos meus irmãos da Alemanha, devo recalcar no fundo do coração, para que não se diga que me impele o desejo de atear a fogueira. Mas não ficaria bem com a minha consciência se deixasse a defesa entregue unicamente às penas muito ilustres de gente em cujas veias não corre o sangue semita como no meu. A minha voz fraca, as minhas palavras débeis e pàlidas necessitam, à falta de outras penas mais eloqüentes e autorizadas, de se juntar a êste côro de generosidade, que ouço levantar em torno a mim. O que se passa na Alemanha é efectivamente horrível. Sei-o não só pelos telegramas publicados na imprensa portuguesa e estrangeira, mas também por informações de caracter particular e fidedigno. Sei, por exemplo que, entre outras violências, cometem a de não deixar expatriar-se aos proprios judeus perseguidos. Impedem-nos de exercer as suas funções ou, mais bem, de ganhar o pão quotidiano e ao mesmo tempo impedem nos de sair da Alemanha, com o fim talvez de os destruir pela fome.

E' esta, em resumo, a situação e ela é tão extrema que, de certo, não se poderá sustentar. Não é neste século vinte que assim se podem torturar criaturas humanas; o remédio há-de vir forçosamente de algum lado. Conheço a Alemanha por tê-la visitado várias vezes e tenho ali amigos. Nem toda

a Alemanha é nazi. Digamos a que metade do país o é. Concedamos essa grande maioria ao partido de Hitler. Mas essa maioria precisa de ser examinada; ela é principalmente constituída pelas classes populares.

Hitler tem uma qualidade, segundo dizem, que vence todas as dificuldades: tem o dom da palavra e a eloqüência persuasiva. Persuasiva, entendenda-se nas camadas do povo. Perante gente de alta cultura, perante professores de ensino superior, perante sábios e sociólogos, assim fui informado, os ímpetus da sua eloqüência despedaçam-se de encontro à incredulidade daqueles que não se deixaram subjugar pela doença contagiosa, que avassalou a metade da Alemanha.

Os sábios explicam como se dão êstes ataques da epilepsia colectiva, que conseguem dominar a opinião pública. Mas se Hitler não é escutado pela classe dos intellectuais, como seria para desejar para bem do seu partido, é em compensação escutado com admiração religiosa pelas baixas camadas do povo. Os seus adeptos são recrutados em geral entre adolescentes pouco instruidos e fanáticos. Foi no espírito dominador, irrequieto e militarista da Prussia que êle encontrou os seus melhores sectários. O prussiano adora o uniforme que partilha das coisas bélicas; as suas marchas rígidas, com os seus corpos bem hirtos, fazendo retinir ruidosamente os tacões das pesadas botas contra o pavimento das calçadas, trazem-lhe evocações de conquistas guerreiras e de supremacia sobre os outros povos. Hitler soube explorar êsse espírito e teve quem para êsse campo o empurrasse e o adestrasse. Sózinho não teria dado conta do recado; houve quem lhe ensinasse o caminho e soubesse aproveitar a sua eloqüência fogosa. A Alemanha ficou, depois da guerra, numa situação angustiada; o corredor de Dantzig, a perda das colónias, foram circunstâncias que, por imposição do tratado de Versalhes, atormentaram. As indústrias sofreram, as reparações ameaçavam asfixiá-la. Foi nesta conjuntura que surgiu o Messias—o falso Messias—e o povo, doente em perigo de vida, acreditou facilmente no remédio que o médico fantasioso lhe oferecia na forma de um longo programa de govêrno. Depois do povo, é fácil de conceber que outras classes se deixassem arrastar por contágio. Assim se levantou a onda, que, como sucede sempre em casos identicos, deve envolver muitas

insinceridades e muitos interesses inconfessáveis. em resumo, Hitler e os seus adeptos chegaram por fim ao poder, tomaram conta da Alemanha e mandaram nela como em casa propria. Entre os numeros do programa para salvação da pátria figurava a guerra sem quartel ao judeu. Porquê? O judeu pertence a uma raça que se distingue pelo trabalho, pela indústria e pelo seu amor à ciência.

Conseqüentemente, e em relação ao seu número — supõe-se que a população da Alemanha seja de cincoenta milhões de habitantes, dos quais seiscentos mil são judeus — os judeus ocupavam muitas situações de destaque no comercio, nas industrias, nas ciencias, no ensino, nas finanças, etc. Os melhores hospitais da Alemanha são judeus ou dirigidos por medicos desta confissão religiosa. Pregunte-se aos melhores medicos modernos portugueses a que hospitais deram a preferencia para fazerem os seus estudos naquele país. Eles responderão que foi nos hospitais israelitas que melhor estudaram. O que faz a grandeza de uma nação é, evidentemente, o desenvolvimento das suas actividades, e quem mais tinha contribuído para esse desenvolvimento tinha sido o elemento semita. O «nazi», porem, considera que esse desenvolvimento põe em perigo aquele espirito guerreiro, antigo, latente na raça, embotando o gume das suas armas aceradas. Era necessário desviar o espirito da nação daquele campo das actividades e atraí-lo para o exercicio das virtudes antigas, que animaram Attila com os seus hunos, assim como outros povos germanicos, e os impeliram para a conquista da Europa em invasões guerreiras que ficaram conhecidas na Historia pelas invasões dos barbaros.

Aquelas actividades que tinham feito a grandeza da Alemanha moderna, eram pacifistas e pacificadoras. Desenvolviam-se na Paz e eram por seu turno criadoras de Paz, e os seus obreiros mais afincados pertenciam a Israel. O semita representava, pois o espirito da Paz a opôr-se á ansia guerreira prussiana.

E' possivel que muitos «nazis» não formulem esta teoria com nitidez; e que nem mesmo a saibam reduzir a uma forma concreta e clara e que procedam por instinto e inconscientemente. Era tambem necessario encontrar uma expansão para a colera na-

cional, expansão que seria o primeiro passo para a reconquista da situação anterior a Grande Guerra. Para este efeito foi facil encontrar o judeu que, apesar de habitar o solo alemão desde seculos e de se ter integrado completamente na vida nacional, se podia indicar como estrangeiro ocupando situações que provocavam inveja. O que deixamos exposto, portanto, explica, a meu ver, a sanha desencadeada contra os judeus. Os uniformes «nazis», cujo uso tinha sido proibido, foram de novo restituídos á vida e os chefes açularam as suas hostes contra os judeus desarmados para neles saciarem os seus odios.

Freud tinha produzido a psico-analise; Hertz tinha descoberto as ondas hertzianas, sem as quais Marconi não seria possível; Einstein tinha dado ao Mundo a teoria da relatividade; Rathenau fôra o primeiro emissor da Paz, que a Alemanha mandara á França depois da Grande Guerra, mas estes assim como muitos outros que tinham igualmente contribuído para a grandeza da Alemanha e bem da Humanidade eram todos judeus. Tinham de ser sacrificados porque não representavam o espirito da guerra e era esse espirito que se tornava necessário aguçar no peito dos jovens prussianos. Pelas horas da noite, os altos falantes gritaram a tôda a Alemanha: «Die Juden sind unser Unglück»; mas o pregão sinistro também ecoou para fora da Alemanha e ressoa aos quatro cantos da Terra. A indignação não atingiu só os judeus; com sentimento profundamente cristão acudiram em seu favor homens de ânimo generoso, em cujas veias não corre o sangue semita e cujos nomes devem ficar gravados no coração dos judeus com gratidão.

E' ainda com as palavras de um destes, que desejamos encerrar as nossas considerações; diz Lloyd George no seu livro «Para onde vamos?» — publicado recentemente: «De todos os fanatismos, que envenenam a Humanidade, não ha nenhum tão absurdo como o anti-semitismo. Não se funda na razão; não se ampara na fé; não aspira a um ideal; é uma heiva brava e daninha a crescer entre os ódios de raça. Quanto êle é destituído de razão, pode julgar-se pelo facto de que se limita, quasi exclusivamente, às nações que prestam culto aos profetas hebraicos: que consideram a literatura nacional dos judeus como mensagem de ins-

piração divina e cuja esperança na salvação esterna reside nos preceitos e promessas dos grandes ensinadores de Judá...

E com tudo aos olhos dos anti-semitas, os judeus de hoje nada podem fazer de bom. Se são ricos, são aves de rapina; se são pobres, são uma ralé abjecta.

Se são a favor da guerra, é porque querem explorar os povos em proveito proprio; se anseiam pela Paz, e que são cobardes e traidores. Se dão com generosidade—e não ha quem dê com mais generosidade do que eles—é porque teem mira algum fim egoista; se não dão, «que ha a esperar da avareza dos judeus?»

Se o capital esmaga o trabalho, a responsabilidade é atribuida ao judeu; se o trabalho se insurge contra o capital, como succedeu na Russia, a responsabilidade é ainda dos judeus. Se vive em terras estranhas, é necessario expulsa-lo ou mata-lo; se quer regressar á sua patria antiga, é necessario impedi-lo. Por toda a parte, durante seculos tudo quanto faz ou não faz, provoca inevitavelmente o eco já tão longinquo e nunca obliterado, daquele grito da baixa ralé de Jerusalem contra um judeu que ainda hoje ilumina uma grande parte da Humanidade: «Crucifiquem-no!...» Nunca nenhuma nação colheu qualquer proveito de crucificar judeus.—De v., etc.—*Adolfo Benarus.*

Do «Diário de Noticias» Lisboa, 16-abril-1933.

• • •

OS JUDEUS DA GALICIA

=====

BERLIM, 29 de Abril.

Acabo de ler a carta do sr. Samuel Schwarz, no «Diário de Noticias» de 25 do corrente.

Se uns 100 000 judeus que habitavam a parte austriaca da actual Polonia, eram subditos russos mais de dois milhões de israelitas, estabelecidos em território hoje polaco, aos quais se generalizou a denominação (corrente aqui para os judeus orientais) de «Galizierjuden».

Ninguém apodou tôda a população judaica da Galicia de «escrocs», etc, Afirmei que os chamados «judeus da Galicia» for-

neram grande percentagem destes. O sr. Schwarzs não o nega... Uma fiscalização não pode, pois, ter inconveniente.

A ortodoxia religiosa dos israelitas galicianos não é argumento de defesa, neste caso, e o facto de êles terem produzido eminentes valores na literatura judaica nada altera «que nunca produziram coisa que se visse para a Civilização». Por Civilização entende-se, evidentemente, a geral, e não a restritamente hebraica Estabeleci, pois, a comparação com as férteis obras, geniais e mundiais, dos grandes israelitas do Ocidente. Obras de tal quilate não as atribui o sr. Schwarzs a um só conterrâneo seu... porque não pode.

Na minha carta disse claramente que a atitude de numerosos «Galizierjuden» não era a causa única da actual campanha anti-judaica alemã, e de modo algum deve concluir-se, do facto de muitos dêles terem contribuido para ela, a justificação de tal campanha.

Não moveu a minha pênna, pois, qualquer sentimento de animosidade (que não tenho) contra quem quer que seja, mas tão sómente o desejo, como português, de pôr de sobre aviso os meus compatriotas, para que se não junte, inutilmente, aos muitos problemas nacionais, mais o do ódio anti-semita, que é mais que tudo um fenómeno de sugestão colectiva e de que o nosso País se encontra felizmente, liberto há tantos anos.

Avisar era meu dever. Cumpri-o não só no interesse nacional, mas tambem no dos israelitas portugueses, dignos de tôda a simpatia e entre os quais conto bons amigos Os pormenores são de ordem secundária e não era intenção minha voltar a tocar nêles, além de que me limitara a citar apenas bem poucos. O sr. Schwarz será certamente o primeiro a concordar que não convem aos seus correligionários — nem mesmo até aos seus conterrâneos — remexer muito esta delicada questão...

Oxalá não se chegue a provar nunca, *al*, que fiz bem em avisar. São estes os meus melhores votos, ao pôr ponto final.

Do «Diario de Noticias»

Lisboa, 5 -Maio—1933

AGROS